

*Oswaldo de Camargo*¹

RUMO

Às vezes ergo os olhos, interrogo
o seco céu sem urubu, sem nódoa
de nuvem: Deus,
que queres?
Que eu me atropele
com minha própria sombra, que embranqueça
meu dorso e você?

EM MAIO

Já não há mais razão para chamar as lembranças
e mostrá-las ao povo
em maio.
Em maio sopram ventos desatados
por mãos de mando, turvam o sentido
do que sonhamos.
Em maio uma tal senhora Liberdade se alvoroça,
e desce às praças das bocas entreabertas
e começa:
“Outrora, nas senzalas, os senhores...”
Mas a Liberdade que desce à praça
nos meados de maio,
pedindo rumores,
é uma senhora esquelética, seca, desvalida
e nada sabe de nossa vida.
A Liberdade que sei é uma menina sem jeito,
vem montada no ombro dos moleques
e se esconde
no peito, em fogo, dos que jamais irão
à praça.
Na praça estão os fracos, os velhos, os decadentes
e seu grito: “Ó bendita Liberdade!”
E ela sorri e se orgulha, de verdade,
do muito que tem feito!

¹ In Augel, Moema Parente (ed.). *Schwarze Poesie. Poesia Negra. Afrobrasilianische Dichtung der Gegenwart*. Portugiesisch - Deutsch. St. Gallen/Köln/São Paulo: Diá, 1988: pp. 90 e 92.